

IMPrensa ACADEMICA PAULISTA:
DESCOBERTA DE BYRON.

Onédia Célia de Carvalho Barboza

E' do conhecimento de todos que o centro da assimilação e repercussão da moda de Byron no Brasil foi a Faculdade de Direito de São Paulo, por cujos corredores e salas de aula passaram, na década de 50, os poetas mais representativos da segunda geração — dita "byroniana" — de nosso Romantismo.

Não é de estranhar portanto que em trabalho de levantamento e análise das traduções brasileiras de Byron tenhamos constatado que os tradutores que verteram o poeta inglês com mais constância e abundância estejam ligados à Academia de São Paulo. São eles Francisco José Pinheiro Guimarães, Francisco Octaviano de Almeida Rosa e João Cardoso de Meneses e Sousa, que pertenceram respectivamente às turmas matriculadas na Faculdade em 1828 (a primeira turma acadêmica), 1841 e 1844. Além dêles, inúmero soutros autores de traduções ou paráfrases de Byron têm em comum o fato de terem cursado a famosa Academia, tais como Francisco Assis Vieira Bueno, Baltazar da Silva Carneiro, Ferreira de Menezes, João Júlio dos Santos, para não mencionar Fagundes Varela e Castro Alves.

Os três primeiros autores acima mencionados podem ser considerados precursores da geração byraniana de 1850, pois suas traduções datam de época anterior. A versão de "Childs Harold's Pilgrimage" de Francisco José Pinheiro Guimarães foi publicada postumamente em 1863, mas em 1841 já era conhecida e lida em reuniões literárias. A obra poética de Francisco Octaviano conservou-se em grande parte inédita nos seus anos de vida, mas sabe-se que a poesia em Octaviano foi fenômeno da mocidade, quando o jornalismo e a política ainda não lhe haviam feito o apêlo irresistível. Tudo nos faz crer que a maior parte de suas traduções date especificamente de seus tempos de estudante em São Paulo, entre os anos de 1841 e 1845. Quanto a João Cardoso, pelo menos duas de suas versões — a de "Oscar of Alva" e a de "The Giaour" — remontam aos seus anos acadêmicos que vão de 1844 a 1848.

Poderíamos portanto estabelecer o decênio de 40 como etapa importante no processo de difusão da obra de Byron na Academia de São Paulo. As traduções acima referidas teriam sido as primeiras provas concretas de um interesse que se transformaria em verdadeiro culto, marcando de forma característica uma das fases da evolução de nosso Romantismo.

Mas, antes delas, que papel teria tido a imprensa acadêmica no processo de divulgação do nome de Byron, e no preparo da opinião dos leitores com referência à sua personalidade, sua legenda, sua obra? É o que pretendemos responder neste artigo, numa tentativa de acompanhar o fenômeno do byronismo acadêmico em seus primeiros passos.

Remontemos aos anos de fundação da Academia: em agosto de 1827 foi promulgada a lei que a criou, e em março de 1828 tiveram início seus cursos; dois anos depois, em abril de 1830, já publicavam os estudantes o seu primeiro jornal, *O Amigo das Letras*, que saíria regularmente todas as semanas até setembro do mesmo ano, tendo alcançado 24 números (1). Seu redator principal foi Josino do Nascimento Silva, fluminense, de Campos, então aluno do 1.º ano. Trata-se de um documento importante da história de nossa imprensa periódica, pois foi o primeiro jornal de estudantes do Brasil, tendo precedido *O Olidense* da Faculdade de Direito de Recife, que é de 1831 (2).

E' interessante notar que esse pioneiro da imprensa acadêmica paulista já é testemunho da atração que a literatura, e não somente a ciência do direito e a política, exerceu no ambiente acadêmico no século XIX, principalmente durante o período romântico, transformando a Faculdade de Direito de São Paulo num centro de intensa produção literária.

Sua orientação, porém, é ainda decididamente neo-clássica, demonstrando claras preocupações moralistas, filosóficas e didáticas. Grande parte de sua matéria consiste em traduções de autores europeus do século XVIII. E nele não se encontram artigos polêmicos, ou simplesmente informativos, onde se possam captar sinais de uma atitude reformadora, indícios de uma mudança de gosto que anunciem de alguma forma o advento do Romantismo. A palavra *Liberdade* é prodigamente usada em todos os números, mas seu emprego prende-se sempre à necessidade de exaltação da liberdade política — reflexo

(1) — *O Amigo das Letras*, São Paulo, Tipografia do Farol Paulistano, 1830.

(2) — *O Olidense*, Tipografia Fidedigna, Pernambuco, 1831.

ainda da recente campanha em prol de nossa independência — sem nunca insinuar sequer uma consciência de libertação literária. Os redatores e colaboradores do jornal não parecem ter tomado consciência ainda de que uma revolução literária havia tido lugar na Europa.

Mas, mesmo assim, o embrião do Romantismo pode ser detectado, e de maneira bem indisfarçável, sob a forma de versões de, pelo menos, três autores franceses inteiramente identificados com o movimento romântico — Mme. de Stael, Chateaubriand e Lamartine — os dois primeiros como seus iniciadores e o último como uma de suas figuras mais representativas. O nome de Stael comparece sob uma “máxima” (3); a tradução de Chateaubriand é de um trecho do *Génie du Christianisme* (4); e a de Lamartine é do poema “La gloire”, que é dedicado a Francisco Manoel do Nascimento, o Felinto Elísio, por ocasião de seu exílio (5).

Quanto a Byron, não há na publicação vestígio algum que nos leve a crer fosse autor conhecido desse primeiro grupo literário acadêmico. Não que a literatura inglesa se faça ausente. A nata de seu período clássico lá está, e em grande abundância, diga-se de passagem: Samuel Johnson, Addison, Steele, Pope, etc. Mas o nome de Byron nem ao menos é citado. No entanto, a essa altura já havia chegado ao Brasil: José Bonifácio de Andrada e Silva, na “Dedicatória” da edição de 1825 de suas *Poesias Avulsas*, considerada um “perfeito manifesto pré-romântico” por Aderaldo Castelo (6), menciona Byron, juntamente com Scott, como “cisnes da Inglaterra”, que indica como modelos no emprego de estrofes soltas e livres (7). Além disso, as obras completas do poeta inglês já eram anunciadas à venda, e com muita freqüência, no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro em 1828 e 1829. Mas, ao que tudo indica, o byronismo europeu, que na França principalmente era um movimento preponderante desde 1820, não havia repercutido ainda nos meios acadêmicos de São Paulo. E é interessante notar que um dos colaboradores do jornal é o já mencionado Francisco José Pinheiro Guimarães, então estudante do 3.º ano, que iria, alguns anos mais tarde, nos oferecer uma tradução completa de “Childe Harold’s Pilgrimage”. A sua colaboração é a

(3) — *O Amigo das Letras*, 1(2), 24; abril 1830.

(4) — *O Amigo das Letras*, 1(6), 70; maio 1830.

(5) — *O Amigo das Letras*, 1(11), 127-129; junho 1830.

(6) — Castelo, José Aderaldo — “Os pródromos do romantismo” In: Coutinho, Afranio, Dir. — *A Literatura no Brasil*. 2.a ed., Rio de Janeiro, Ed. Sul-Americana S. A.; 1969, v. 2, p. 47.

(7) — Silva, José Bonifácio de Andrada e — *Poesias Avulsas* — de América Elísio. Bordéus, 1825, p. V-VII.

tradução de uma “Sátira” de Boileau (8). A iniciação byroniana de Pinheiro de Guimarães estava pois bem distante ainda, no tempo e no espírito. Aliás, nunca se realizaria completamente, pois, em sua versão, o longo poema de Byron se apresenta como uma obra mais ligada à estética clássica que à romântica, em sua contenção verbal, sua sintaxe alatinada, seu equilíbrio retórico.

O mais curioso, porém, é que, mesmo sem saber, os redatores de *O Amigo das Letras* estavam introduzindo na Academia de São Paulo a primeira semente do byronismo. E’ que a “máxima” por êles publicada — “O amor, que não é mais do que um episódio na vida dos homens, forma a história inteira da vida das mulheres” — e dada como sendo de autoria de Mme. de Stael, são na verdade versos de Byron, que a autora, grande amiga e admiradora do poeta, gostava de repetir e citar:

*Man’s love is of man’s life a thing apart;
‘Tis woman’s whole existence; (.)*
(Don Juan, I, 194)

Se a presença de Byron neste primeiro órgão estudantil manifestou-se assim de modo equívoco, o mesmo não aconteceria apenas três anos mais tarde, quando do aparecimento da *Revista da Sociedade Filomática*, onde seu nome é citado diversas vezes, demonstrando seus redatores e colaboradores uma certa familiaridade com a sua obra e reputação literária (9).

Essa revista era o órgão de um grêmio literário — a Sociedade Filomática — fundado em 1833 por alguns professôres e alunos da Faculdade de Direito de São Paulo, entre os quais se destacaram Francisco Bernardino Ribeiro, José Inácio Silveira da Mota, Justiniano José da Rocha, Antonio Augusto Queiroga e João Salomé Queiroga. Dela foram publicados 6 números entre junho e julho do ano de fundação da Sociedade.

Se bem que em suas produções originais não se possam encontrar sinais de renovação, a *Revista da Sociedade Filomática* já se caracteriza bem como órgão de um período de transição literária pela preocupação que demonstram seus redatores em expressar diretrizes críticas, o que não acontece com relação ao *O Amigo das Letras*. E caracterizando um período de transição, essas diretrizes teriam que

(8) — *O Amigo das Letras*, 1(18), 211-216; agosto 1830.

(9) — *Revista da Sociedade Filomática*, São Paulo, Tipografia do Novo Farol Paulistano, 1833.

ser forçosamente conflitantes. Na “Introdução” ao primeiro número os redatores procuram se colocar numa posição de meio termo entre os dois polos, clássico e romântico: “Tão longe estaremos do Romantismo frenético como da servil imitação dos antigos” Mas na verdade o que se nota não é propriamente uma posição de equilíbrio, mas duas tendências bem definidas, condicionadas ao problema de gêneros literários. Assim, com relação à poesia lírica há uma atitude reformadora e uma tendência para a aceitação de inovações, principalmente temáticas. E’ o que se deduz da leitura do “Ensaio Crítico sôbre a Colação de Poesias do Sr. D. J. G. Magalhães” de autoria de Justiniano da Rocha, publicado no segundo número da revista.

Mas, em se tratando da poesia épica e do teatro, a tendência é no sentido de dar combate veemente a tudo que não estiver de acordo com os modelos clássicos. Em matéria de teatro, principalmente, não se admitem “extravagâncias românticas” A série de “Ensaio sobre a Tragédia”, publicada em quatro números consecutivos e assinada por Bernardino Ribeiro, Antonio Augusto de Queiroga e pelo mesmo autor do trabalho sôbre a poesia de Magalhães acima mencionado, Justiniano da Rocha, constitui um verdadeiro libelo contra o Romantismo:

“Mas eis que uma conspiração se propaga do Norte da Europa. Uma nova escola debaixo do nome de — romântica — combate os princípios clássicos consagrados pela longa experiência de tantos séculos; ela nos vem pregar as doutrinas do *vago*, vem desterrar do teatro essa natureza *prosaica*, vem substituí-la por uma, a que chamam *Poética*, e que não é, segundo a confissão de V. Schelgel (*sic*) chefe da seita, mais do que a reunião de princípios opostos, de elementos heterogêneos, de que procuram — embalde — fazer uma associação monstruosa. Que devemos esperar de uma doutrina literária, que se anuncia de modo ininteligível, que alardeia extravagância e disparate, que acusa os mestres por haverem sido metódicos, e regulares, por haverem escrito com clareza, harmonia e castidade, por haverem desdenhado todo o gênero de demência e contágio intelectual, por haverem sempre sido sensatos?” (10)

Tratando do teatro francês, os autores exaltam as figuras de Corneille, Racine, Voltaire, “sóis radiantes”, e é “com mágoa” que passam a tratar do “teatro monstruoso dos alemães”:

“A nova escola recebeu de Schiller o nome de Romântica, com a qual imprimiu a sua Joana D’Arco. O corpo de delito deste gênero ridículo se acha nessa mesma Alemanha de Mme. de Stael, onde se pretende encontrar as provas de sua defesa. Schiller, Goethe, Werner, são os campeões a que ela dá maiores encômios” (11).

(10) — *Revista da Sociedade Filomática*, (3), 84; agosto 1833.

(11) — *Revista da Sociedade Filomática*, (5), 137; outubro 1833.

Voltando ao teatro francês, atacam duramente suas manifestações românticas:

“Em despeito dos bons princípios a sanha revolucionária também tem lavrado pela França; Victor Hugo e Alexandre Domat (*sic*) são os corifeus da nova escola; mas o continuado ridículo de suas composições tem coberto os princípios clássicos, e seus propugnadores de lauréis imarcescíveis” (12).

Nota-se nas agressões ao Romantismo o uso insistente dos qualificativos *frenético* e *ridículo*. São ecos evidentes dos epítetos postos em voga na França nos primeiros anos do decênio de 20 por Charles Nodier, na fase ainda das indecisões e restrições com referência à nova escola. Os termos foram tão popularizados que Nodier chegou a protestar contra o seu abuso e à extensão excessiva dada ao “gênero frenético”, que para êle definiria apenas certos aspectos (13).

A orientação crítica do órgão da Sociedade Filomática está assim, com alguns anos de atraso com relação às literaturas européias, em plena fase das reações apaixonadas no âmbito da polêmica Classicismo X Romantismo, encontrando-se êsse último ainda em desvantagem bem acentuada, se tomarmos como base a dureza dos ataques.

Nessa atmosfera polêmica, as referências a Byron colocam-no numa posição acima do conflito, em paz com as duas tendências. Como poeta lírico, é citado, juntamente com Delavigne, no ensaio de Justiniano José da Rocha, como modelo para uma poesia de temas atuais e atuantes:

“Se examinarmos a tendência do gosto do século atual, vejo que as musas, depois de ter, nos versos do infeliz Millevoye, suspirado pelos prazeres, que tão rápido passam, hoje, nos poemas dos Byrons, e Delavignes, só respiram ódio à opressão e tirania, sublimes esperanças de uma melhor sorte. Seus ais melancólicos só são interrompidos por hinos entoados ao triunfo da humanidade” (14).

E’ de se notar que o mito byroniano tem várias facetas, compreendendo uma série de manifestações da sensibilidade e do espírito românticos, que vão desde o lirismo amoroso e confidencial até a contestação política, social e religiosa. A imagem de Byron projeta-se principalmente, e de forma paradoxal, como a do artista solitário, in-

(12) — *Revista da Sociedade Filomática*, loc. cit.

(13) — Apud Edmond Estève — *Byron et le romantisme français*, Paris, Librairie Hachette, pp. 103-106.

(14) — *Revista da Sociedade Filomática*, (2), 51; julho 1833.

compreendido, desencantado da vida e dos homens, dominado pela melancolia e ceticismo, e, ao mesmo tempo, como a do poeta “engajado”, cujos temas são problemas políticos e sociais do seu tempo, cuja inspiração e arte são colocadas na defesa do ideal de liberdade, individual e política, e no combate a todas as formas de opressão e tirania.

Na passagem acima transcrita, a imagem de Byron do alvorecer de nosso Romantismo é essa última, como podemos ver. Está longe ainda de se tornar o “poeta amargo da descrença”, o “errante trovador d’alma sombria”, da imaginação de Alvares de Azevedo. E’ o Byron dos versos enérgicos e ardentes dedicados à Grécia oprimida pela dominação turca, versos, que em muito contribuíram para a sua aceitação e popularidade na França, pois vinham de encontro ao grande entusiasmo existente no momento pela causa da libertação da Grécia (15). A introdução de Byron no Continente foi facilitada assim pelo movimento filelenista, que teve tão grande repercussão nas letras européias no começo dos anos 20. O campeão francês do filelenismo foi Casimir Delavigne, também citado no trecho acima, que dedicou versos e mais versos à causa dos gregos, quase todos imitados diretamente de Byron. Para Justiniano da Rocha, Byron e Delavigne são “influências sublimes” e a elas “não deixará de obedecer o sensível gênio Brasiliense; êle também simpatiza com o infortúnio, também detesta a opressão: sim, nossas Musas também serão o ódio à tirania, o desejo de suavizar os males de suas vítimas, o amor da pátria e da liberdade” (16).

E’ pois sob a imagem de poeta político e social que Byron faz sua estréia na imprensa acadêmica paulista, e essa imagem se adequava aos ideais e preocupações de jovens estudantes, de uma faculdade jovem, que em breve estariam formando a elite política do país.

Com relação ao teatro, os autores dos “Ensaio sôbre a Tragédia”, em seu irado ataque ao “gênero rídículo” que era o teatro romântico teriam que forçosamente poupar Byron, pois paradoxalmente, no poeta-símbolo do Romantismo, ainda sobressaíam fortes resquícios de uma educação clássica que êle muito prezava. Tinha grande admiração por Alexander Pope, figura máxima do neoclassicismo inglês, e defendeu-o bravamente numa longa controvérsia ocasionada pelo aparecimento de uma nova edição das obras desse poeta, não poupando ataques aos poetas românticos, principalmente aos Lakis-

(15) — Estève, Edmond — *op. cit.*, p. 114 et segs.

(16) — *Revista da Sociedade Filomática*, loc. cit.

tas, que para êle estavam longe de poder rivalizar com o grande mestre do século XVIII. Assim, quando Byron se propôs a escrever dramas, depois de ter popularizado até à loucura os temas românticos de amor impossível, liberdade, melancolia, ceticismo, em poemas líricos, descritivos e narrativos, que lhe asseguraram o lugar de “Rei dos Românticos”, eis que decide fazê-lo procurando obedecer, ou pelo menos preservar o mais possível, as “unidades” da tragédia clássica “conceiving that with any very distant departure from them, there may be poetry, but can be no drama”, como diz êle no prefácio a “Sardanapalus”

Os autores dos “Ensaio sobre a Tragédia” nada têm portanto contra o teatro de Byron. Muito pelo contrário, acham mesmo que, “nada depois de Addison e Otway merece atenção, até que êsse gênio, considerado como o primeiro poeta do século, até que Byron procurasse ilustrar a cena Inglesa” Mas, se abstêm de emitir um juízo crítico, parecendo carecer de dados sobre a sua reputação como dramata — “A posteridade, porém, que para êle agora principia, que já julgou Childe Harold, não marcou ainda o posto que na linha dos Trágicos deve ocupar o autor de Sardanapalo, Marino Faliero, Werner” (17). Mais adiante fazem-lhe uma leve objeção, não achando “justa” a “liberdade” por ele tomada em “Sardanapalo” e “Marino Faliero”, com referência à unidade de lugar (18). Nota-se, porém, que são cautelosos com relação a Byron, oprimidos talvez por sua imensa fama. Shakespeare é menos feliz. Seus erros e defeitos são amplamente denunciados (19), e o conceito final sobre êle é taxativo: “Shakespeare? Mas o que êsse inglês tem de sublime é clássico, o que nele se vê de romântico é somente suas incoerências, suas cenas inverossímeis e ridículas” (20).

Assim lançava a imprensa acadêmica de São Paulo, no início da década de 30, os rudimentos de uma moda literária que iria florescer realmente no decênio de 50.

Como vimos, a primeira imagem de Byron entronizada na Faculdade de Direito de São Paulo, seu templo no Romantismo brasileiro, é bastante contraditória: é a do poeta que contribuiu para a renovação da poesia com a empolgante temática do culto à liberda-

(17) — *Revista da Sociedade Filomática*, (4), 119; setembro 1833.

(18) — *Revista da Sociedade Filomática*, (6), 173; dezembro 1833.

(19) — *Revista da Sociedade Filomática*, (4), 118; setembro 1833.

(20) — *Revista da Sociedade Filomática*, (6), 175; dezembro 1833.

de, do ódio à opressão e também a do autor ainda preso às convenções clássicas do teatro. Mas, não é ainda a imagem que iria inspirar o romantismo subjetivista, melancólico e soturno da geração de Álvares de Azevedo. Essa começará a tomar corpo na década de 40, nas traduções estudantis de Francisco Octaviano, que parece ter tido papel de destaque na divulgação da moda de Byron na Academia de São Paulo e nos rumos que tomou a corrente byroniana de nosso romantismo.